



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS

DANIEL DO ROSÁRIO SOUSA

**FITOTERAPIA TRADICIONAL NA COMUNIDADE DE CARATATEUA (NE-  
PARÁ) AMAZONIA, BRASIL**

BRAGANÇA-PA

2025

DANIEL DO ROSÁRIO SOUSA

**FITOTERAPIA TRADICIONAL NA COMUNIDADE DE CARATATEUA (NE-  
PARÁ) AMAZONIA, BRASIL**

Trabalho de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará, Instituto de estudos costeiros, Faculdade de Ciências Naturais, para obtenção de Grau de licenciado em Ciências Naturais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Iracely Rodrigues da Silva  
UFPA/FACED/LEMAS/Campus Bragança

Coorientador: Prof<sup>º</sup>. Me. Gilvan velozo Correa  
UFPA/LEMAS/Campus Bragança

BRAGANÇA-PA

2025

DANIEL DO ROSÁRIO SOUSA

**FITOTERAPIA TRADICIONAL NA COMUNIDADE DE CARATATEUA (NE-PARÁ)  
AMAZONIA, BRASIL**

Este Trabalho será avaliado para obtenção do Grau de Licenciado em Ciências Naturais do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, Instituto Costeiros, do Campus Universitário de Bragança.

DATA DA DEFESA: 04/11/2025.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profª. Dra. Iracely Rodrigues da Silva – Orientadora  
UFPA/FACED/LEMAS/Campus Bragança

---

Prof. Me. Gilvan Velozo Correa – Coorientador  
UFPA/LEMAS/Campus Bragança

---

Prof. Dr. Lucinaldo da Silva Blandtt –Membro  
UFPA/IECOS/FACIN/Campus Bragança

---

Prof. Me. Jones Souza Moraes – Membro  
UFPA/LEMAS/Campus Bragança

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Biblioteca Prof. Armando Bordallo da Silva. Bragança, PA / UFPA**

---

D725f Sousa, Daniel do Rosário.

Fitoterapia tradicional na comunidade de Caratateua (NE-Pará)  
Amazonia, Brasil / Daniel do Rosário Sousa. – 2025.  
28 f.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Iracely Rodrigues da Silva.  
Coorientador: Prof. Me. Gilvan Velozo Correa.

Trabalho de Conclusão (Licenciatura em Ciências Naturais) –  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança, Instituto de Estudos Costeiros, Faculdade de Ciências Naturais, Bragança,  
2025.

1. Plantas medicinais. 2. Saberes tradicionais. 3. Amazônia. I. Título.

CDD 23. ed. – 581.634098115

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Universidade Federal do Pará (UFPA) pelo apoio financeiro que tornou possível a conclusão deste curso, contribuindo de forma decisiva para a realização deste importante sonho.

Estendo meus agradecimentos ao Instituto de Estudos Costeiros (IECOS), pelo suporte e incentivo constantes ao longo dessa caminhada acadêmica, e ao Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde (LEMAS), que me acolheu com dedicação durante todo o desenvolvimento deste Trabalho de Conclusão de Curso, oferecendo aprendizado, experiência e acolhimento.

Agradeço, de forma especial, à minha orientadora, Profa Dra. Iracely Rodrigues da Silva, pela paciência, orientação e por toda a contribuição essencial na construção deste trabalho. Da mesma forma, registro minha gratidão ao meu coorientador, Professor Me. Gilvan Veloso Corrêa, pela disponibilidade, pelo comprometimento e por não medir esforços em colaborar para o desenvolvimento deste artigo.

Essa conquista é dedicada, com todo o meu carinho, à minha família, que sempre acreditou no meu potencial e me apoiou em todos os momentos dessa jornada acadêmica. À minha irmã Davia do Rosário Sousa e à minha esposa Samira da Silva Ferreira, que estiveram ao meu lado, me incentivando a nunca desistir, mesmo diante das dificuldades. E, de modo muito especial, ao meu filho Adryan Ferreira de Sousa, que foi e continua sendo a maior motivação para que eu seguisse firme e determinado em busca desse objetivo.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, participaram dessa trajetória — professores, colegas, amigos e familiares. Cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio e cada momento compartilhado foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Sou imensamente grato, de coração!

“A educação é a arma mais poderosa que você  
pode usar para mudar o mundo.”  
(Nelson Mandela)

## APRESENTAÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Fitoterapia Tradicional na Comunidade de Caratateua (Nordeste Paraense, Amazônia, Brasil)”, foi desenvolvido no âmbito do Projeto Bacia do Caeté, vinculado às ações de pesquisa do Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde (LEMAS) da Universidade Federal do Pará. A investigação foi realizada na comunidade de Caratateua, localizada no município de Bragança, região nordeste do estado do Pará, inserida na bacia hidrográfica do rio Caeté (0°59'45"S e 46°43'21"W).

A escolha dessa localidade deve-se à sua relevância ecológica, histórica e cultural, pois Caratateua representa um espaço de convivência entre o saber tradicional e o cotidiano amazônico, onde o uso de plantas medicinais permanece como prática essencial nos cuidados com a saúde. Essa tradição reflete a relação harmoniosa entre as populações locais e a natureza, configurando um importante campo de estudo para a etnobotânica e para a valorização da medicina popular.

O trabalho foi direcionado especialmente às cuidadoras de saúde da comunidade, mulheres reconhecidas pela transmissão intergeracional de conhecimentos e pelo papel ativo na promoção da saúde coletiva. Essas agentes populares são fundamentais na preservação dos saberes ancestrais e no fortalecimento da identidade cultural da comunidade, sobretudo em contextos onde o acesso aos serviços de saúde é limitado.

Com base nesse contexto, o objetivo geral deste estudo foi mapear e registrar as espécies vegetais utilizadas com fins terapêuticos na comunidade de Caratateua, contribuindo para a valorização, conservação e reconhecimento dos saberes tradicionais amazônicos. Além de fornecer subsídios para o diálogo entre o conhecimento popular e a ciência acadêmica, o trabalho busca promover reflexões sobre sustentabilidade, biodiversidade e políticas públicas voltadas à saúde integrativa.

A estrutura do trabalho segue o formato de artigo científico, em conformidade com a Instrução Normativa nº 05, de 21 de dezembro de 2023, que regulamenta a elaboração e a apresentação dos Trabalhos de Curso (TC) no âmbito dos Cursos de Graduação da Universidade Federal do Pará.

# **FITOTERAPIA TRADICIONAL NA COMUNIDADE DE CARATATEUA (NE-PARÁ) AMAZONIA, BRASIL**

Daniel do Rosário Sousa<sup>1</sup>

**Resumo:** A pesquisa buscou valorizar e preservar saberes tradicionais sobre o uso de plantas medicinais em comunidades amazônicas. Teve como objetivo mapear espécies vegetais com fins terapêuticos na comunidade de Caratateua, contribuindo para o reconhecimento da medicina popular e da biodiversidade local. Utilizou-se abordagem qualitativa descritiva, no âmbito do projeto “Bacia do Caeté”. A coleta de dados envolveu free listing, entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e coleta botânica, com participação de pelo menos 10% das famílias, priorizando informantes-chave. Foram identificadas 51 espécies distribuídas em 25 famílias botânicas, com destaque para Lamiaceae, Asteraceae e Euphorbiaceae. A maioria é herbácea, de fácil cultivo e uso cotidiano. As folhas são a parte mais utilizada, principalmente em chás e banhos, para tratar doenças respiratórias, dores e distúrbios circulatórios. Observou-se forte protagonismo feminino na transmissão oral dos saberes, fortalecendo a autonomia local diante das limitações dos serviços de saúde. Conclui-se que os quintais medicinais de Caratateua são um importante patrimônio biocultural, unindo biodiversidade e saberes ancestrais, configurando-se como territórios de resistência e cuidado coletivo essenciais para estratégias de saúde integrativa e conservação socioambiental na Amazônia.

**Palavras-chave:** Plantas medicinais; Saberes tradicionais; Amazônia.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>11</b>
2.1 MEMÓRIA BIOCULTURAL.....	11
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>13</b>
3.1 AREA DE ESTUDO .....	13
3.2 ABORDAGEM METODÓLOGICA .....	15
<b>4 RESULTADO E DISCUSSÕES.....</b>	<b>15</b>
4.1 DIVERSIDADE BOTÂNICA E USOS MEDICINAIS EM CARATATEUA .....	15
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>6 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil concentra aproximadamente 20% da biodiversidade vegetal do planeta, configurando-se como um dos territórios com maior potencial para o desenvolvimento de práticas terapêuticas inovadoras baseadas em produtos naturais (Calixto, 2003). Essa expressiva riqueza florística tem sido historicamente utilizada por diferentes povos e culturas, resultando na fusão de saberes indígenas, europeus e africanos (Ibiapina et al., 2014). A interação entre esses conhecimentos tradicionais e os avanços científicos contemporâneos contribuiu para consolidar a fitoterapia como uma prática sociocultural amplamente aceita, enraizada tanto na tradição oral quanto em evidências científicas.

O uso de plantas medicinais constitui uma prática ancestral amplamente disseminada e representa um dos principais alicerces da medicina tradicional. No Brasil, está profundamente vinculado à cultura popular e, em comunidades rurais e tradicionais, constitui muitas vezes a única alternativa terapêutica acessível para o tratamento de enfermidades e promoção da saúde (Badke et al., 2012; Pinto; Amoroso; Furlan., 2006). A intensificação da busca por alternativas terapêuticas de origem vegetal decorre não apenas dos altos custos e efeitos adversos de medicamentos sintéticos, mas também da crescente valorização dos produtos naturais no âmbito da saúde pública (Batista e Valença, 2012).

Apesar disso, o uso empírico de plantas medicinais não garante total segurança, sendo indispensável a regulamentação e validação científica, assim como ocorre com qualquer outra substância farmacologicamente ativa (Conenorte, 2024). Nesse sentido, estudos etnofarmacológicos desempenham papel estratégico ao documentar e validar saberes tradicionais, fornecendo subsídios para práticas terapêuticas baseadas em evidências (Ferreira; Pasa; Nunez, 2020). Além de sua relevância cultural, a sistematização desses conhecimentos contribui para a conservação da biodiversidade e para a prospecção de novos fármacos.

A fitoterapia, enquanto terapêutica baseada em princípios ativos exclusivamente vegetais, abrange tanto medicamentos tradicionais — reconhecidos pela medicina popular — quanto industrializados, produzidos sob rigorosos padrões de qualidade e segurança (Rodrigues e Amaral, 2012; Anvisa, 2014). Diante desse cenário, a presente pesquisa justifica-se pela importância de preservar e valorizar o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais, reconhecendo-o como patrimônio imaterial de relevância sociocultural e sanitária. Em comunidades com acesso restrito à medicina convencional, esse saber constitui um recurso terapêutico essencial, além de representar um potencial estratégico para a inovação científica e tecnológica no campo da saúde.

Considerando o contexto da comunidade de Caratateua — localizada em uma área ribeirinha e costeira da Bacia do Rio Caeté —, onde o uso de plantas medicinais constitui uma prática tradicional incorporada ao cotidiano do cuidado com a saúde, estabeleceu-se a seguinte questão norteadora: *quais espécies vegetais são utilizadas pela comunidade em práticas fitoterápicas tradicionais e quais suas principais aplicações terapêuticas?* A partir desse questionamento, formulou-se a hipótese de que a população local faz uso de uma ampla diversidade de espécies vegetais, com destaque para aquelas destinadas ao tratamento de doenças respiratórias, distúrbios digestivos e dores em geral, evidenciando a transmissão intergeracional desse conhecimento. Assim, esta pesquisa tem como objetivo mapear o uso de espécies vegetais com fins terapêuticos nessa comunidade amazônica, contribuindo para a valorização e preservação dos saberes tradicionais.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 MEMÓRIA BIOCULTURAL

As comunidades tradicionais possuem um conhecimento ecológico desenvolvido a partir de sua interação direta com os recursos naturais disponíveis nos ecossistemas em que habitam. Na Amazônia, esse conhecimento não apenas orienta o uso e o manejo sustentável das plantas medicinais, mas também desempenha um papel crucial na preservação da biodiversidade (Correa et al., 2025a; Correa et al., 2025b; Silva et al., 2025; Silva et al., 2024; Santos et al., 2020; Silva et al., 2020; Moraes et al., 2020). Dessa forma, essas comunidades são frequentemente reconhecidas como guardiãs do conhecimento tradicional, sendo fundamentais para a conservação de espécies vegetais e dos saberes associados a elas. Cada prática medicinal representa um conjunto de saberes específicos, que, ao serem transmitidos e adaptados ao longo do tempo, enriquecem o patrimônio biocultural dessas populações.

A memória biocultural pode ser compreendida como um patrimônio coletivo formado por saberes, práticas e experiências que passam de geração em geração, construídos a partir da relação histórica entre comunidades humanas e seus territórios. Essa memória nasce da ligação inseparável entre cultura e ambiente, sustentando modos de vida tradicionais que contribuem diretamente para a conservação da biodiversidade (Toledo; Barrera-Bassols, 2015). Para Santos (2010), valorizá-la significa reconhecer a importância de uma *ecologia de saberes*, onde o conhecimento tradicional dialoga de forma legítima com o saber científico. Nessa perspectiva, Gudynas (2011) ressalta que essa memória representa também um fundamento ético e político,

pois promove a harmonia entre sociedade e natureza como base para formas mais sustentáveis de desenvolvimento.

Nesse contexto, o uso sustentável dos recursos naturais não apenas fortalece o vínculo das populações com seus territórios, mas também assegura a transmissão intergeracional dos saberes fitoterápicos. A memória biocultural dessas comunidades representa um acervo inestimável de conhecimentos acumulados ao longo de gerações. Cada espécie utilizada e cada prática terapêutica guardam significados históricos e culturais, além de potenciais ainda pouco explorados para o desenvolvimento de novos tratamentos e soluções terapêuticas. A relação dessas populações com a natureza traduz-se em modelos de uso sustentável dos recursos, assegurando sua disponibilidade futura (Toledo e Barrera-Bassols, 2015).

A transmissão do conhecimento sobre o uso terapêutico das plantas ocorre de geração em geração, mantendo viva a memória biocultural coletiva e garantindo a continuidade de práticas tradicionais de saúde. Esse processo, marcado pela oralidade e pelo cotidiano comunitário, expressa uma relação intrínseca entre cultura, biodiversidade e cuidado (Sharif et al., 2024; Silva e Silva-Castro, 2019). Enquanto os povos tradicionais utilizam classificações próprias para identificar e organizar espécies vegetais, a ciência moderna adota sistemas baseados em suas aplicações medicinais, místicas, ornamentais ou alimentares (Ferreira; Pasa; Nunez., 2020).

A relevância da integração entre saberes tradicionais e científicos, amplia a base de validação e aprimoramento das práticas fitoterápicas. Estudos sobre plantas medicinais são essenciais para documentar e registrar esses recursos, assegurando que os saberes tradicionais sejam reconhecidos como parte do patrimônio cultural e científico. A confiança nas propriedades medicinais dessas plantas é um fator determinante para sua ampla adoção, especialmente em regiões com acesso restrito a medicamentos sintéticos (Almeida et al. (2020).

A relação entre o conhecimento tradicional e a diversidade de espécies cultivadas em quintais e jardins constitui um dos eixos centrais da etnobotânica contemporânea. Estudos recentes evidenciam que a transmissão intergeracional de saberes locais constitui um mecanismo essencial para a conservação da biodiversidade e para a continuidade das práticas de medicina tradicional, pois permite a manutenção de espécies e saberes adaptados a contextos socioculturais específicos (Santos, 2022). Essa dinâmica de transmissão cultural reflete não apenas a preservação de técnicas agrícolas e terapêuticas, mas também a consolidação de uma memória biocultural coletiva, que integra valores simbólicos, religiosos e ambientais.

Em perspectiva complementar, observa-se que a medicina baseada em plantas medicinais ocupa papel estratégico na atenção primária à saúde, sobretudo em contextos em que o acesso aos serviços médicos é limitado. Pesquisas demonstram que o uso de espécies vegetais apresenta eficácia comprovada no tratamento de enfermidades leves e moderadas, como resfriados, diarreias e distúrbios gastrointestinais, reforçando a relevância dessas práticas no enfrentamento de problemas cotidianos de saúde (Soria Rey, 2021). Assim, o conhecimento empírico acumulado por comunidades tradicionais vem sendo progressivamente reconhecido como um patrimônio cultural e científico de grande valor.

A utilização de plantas medicinais por comunidades ribeirinhas, costeiras, indígenas e quilombolas revela uma prática ancestral que transcende o aspecto curativo, expressando uma profunda interação entre o ser humano e o ambiente natural. Essa tradição milenar consolidou-se como base para o desenvolvimento de diversos saberes técnicos e científicos no campo da saúde, contribuindo para a formulação de modelos terapêuticos alternativos e sustentáveis (Souza et al., 2018). O caráter empírico dessas práticas, aliado à observação contínua dos ciclos naturais, possibilitou o acúmulo de conhecimentos farmacológicos que hoje subsidiam investigações acadêmicas e biotecnológicas.

A valorização das práticas tradicionais vai além da conservação ambiental, constituindo-se em um processo de reconhecimento de seu papel estratégico na promoção da saúde pública e na sustentabilidade social. A integração entre o saber tradicional e a ciência moderna deve ser concebida como uma relação dialógica e colaborativa, em que a complementaridade dos conhecimentos potencializa tanto a pesquisa científica quanto a autonomia cultural das comunidades envolvidas. Dessa forma, políticas públicas voltadas à saúde e à conservação ambiental precisam incorporar e legitimar essas práticas, promovendo um diálogo interdisciplinar e intercultural que fortaleça a sustentabilidade dos recursos naturais e reconheça a diversidade biocultural como patrimônio coletivo da humanidade.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 AREA DE ESTUDO**

A comunidade de Caratateua faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio Caeté e está localizada a cerca de 16 km da sede municipal de Bragança (PA), nas coordenadas 0°59'45"S e 46°43'21"W, com área aproximada de 2.800 km<sup>2</sup>. Limita-se com Rio Grande, Vila dos Lucas, Taquandeua e Treme. De acordo com o Censo de 2022, possui 5.769 habitantes, com

distribuição equilibrada entre homens e mulheres. Banhada pelo Rio Caeté e cercada por manguezais, a comunidade tem acesso tanto por via fluvial, com embarcações tradicionais, quanto por via terrestre, pela BR-308 e estradas vicinais que a ligam a outras localidades.

A base econômica da comunidade está centrada na pesca artesanal, com destaque para a captura de crustáceos, moluscos e peixes, além da agricultura de subsistência. A renda familiar é complementada por programas de transferência de renda do governo federal, evidenciando uma economia fortemente ligada aos recursos naturais e ao trabalho comunitário (Costa; Oliveira; Vieira, 2024). No campo da infraestrutura social, a comunidade conta com serviços básicos de saúde e educação. O setor educacional é atendido por duas escolas: a Escola Municipal Padre Ângelo, que oferece Educação Infantil e Ensino Fundamental I, e a Escola Estadual Albino Cardoso, responsável pelo Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A reforma recente desta última ampliou o acesso à educação, permitindo que os estudantes concluam o ensino básico sem precisar se deslocar para outras localidades.

Na área da saúde, a reforma do posto de atendimento trouxe avanços importantes, garantindo consultas, acompanhamentos e orientações médicas durante a semana. Essa estrutura reduz deslocamentos para centros urbanos e melhora o acesso aos serviços básicos, fortalecendo a qualidade de vida local. No entanto, o transporte ainda é um desafio, com apenas um ônibus em horários fixos (6h, 12h e 18h) ligando Caratateua a outras comunidades e à cidade. A distância em relação ao centro urbano contribui para a preservação de práticas tradicionais, como o cultivo de plantas medicinais nos quintais, saber transmitido entre gerações e fundamental para o cuidado com a saúde. Esses quintais representam um patrimônio sociocultural, garantindo autonomia e fortalecendo a identidade comunitária diante do isolamento geográfico.

A comunidade apresenta condições ambientais e culturais particularmente propícias para o estudo das plantas medicinais, em razão de sua rica biodiversidade, do clima equatorial úmido com estações bem definidas e da forte relação entre os moradores e os recursos naturais. A presença de quintais produtivos, onde famílias cultivam e coletam espécies utilizadas no tratamento de diferentes enfermidades, evidencia a integração entre conhecimento tradicional e manejo ambiental sustentável.

A escolha das espécies empregadas nos cuidados de saúde é influenciada por fatores ecológicos e culturais. As plantas são selecionadas conforme sua disponibilidade no ambiente, capacidade de adaptação ao clima e ao solo, e eficácia terapêutica reconhecida pela comunidade. O uso de terra preta — resultante da queima e decomposição de folhas e madeira — como adubo natural reforça práticas agrícolas tradicionais que favorecem a manutenção

desses quintais produtivos. Dessa forma, a biodiversidade local é não apenas preservada, mas também integrada ao cotidiano, fortalecendo a relação entre saúde, cultura e território.

### 3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa descritiva, buscando compreender as práticas e significados relacionados ao uso de plantas medicinais na comunidade de Caratateua. O estudo integrou o projeto “Bacia do Caeté”, que tem como objetivo analisar aspectos socioambientais e culturais das comunidades inseridas na bacia hidrográfica do rio Caeté. A coleta de dados ocorreu em campo, por meio da interação direta com os moradores locais, possibilitando o registro de conhecimentos tradicionais em seu contexto sociocultural. A amostragem correspondeu a, no mínimo, 10% das famílias da comunidade, garantindo observar a diversidade no uso das espécies e representatividade. A seleção dos participantes baseou-se na vivência e no conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, priorizando informantes-chave reconhecidos pela comunidade como cuidadores de saúde coletiva.

Inicialmente, aplicou-se a técnica de *free listing* para identificar as espécies mais utilizadas e seus respectivos usos terapêuticos em cada residência. Em seguida, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com o objetivo de detalhar os modos de preparo e administração das espécies. As informações foram complementadas por registros fotográficos e pela coleta de amostras vegetais, posteriormente prensadas e enviadas ao Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde (LEMAS) para secagem, identificação e catalogação.

O estudo seguiu as diretrizes éticas do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética do Instituto de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Pará (Parecer nº 4.081.101). Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e as entrevistas ocorreram nas residências, em ambiente reservado, garantindo privacidade e respeito.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 DIVERSIDADE BOTÂNICA E USOS MEDICINAIS EM CARATATEUA

Na comunidade de Caratateua, percebe-se que os quintais são verdadeiros bancos de recursos vegetais medicinais, onde natureza e saber tradicional se entrelaçam. Foram registradas 51 espécies de plantas medicinais, distribuídas em 25 famílias botânicas (Quadro 1). As famílias Lamiaceae, Asteraceae e Euphorbiaceae apresentaram maior representatividade,

tanto pelo número de espécies quanto pelo uso frequente nas práticas de saúde. Esse padrão acompanha outras pesquisas etnobotânicas na Amazônia, que também destacam essas famílias como amplamente utilizadas, especialmente pela presença de espécies aromáticas e de fácil cultivo (Conceição et al., 2023; Silva; Leone; Cella, 2022).

No que se refere à origem das espécies, 47, % são nativas e 53% exóticas, revelando um equilíbrio entre o uso da flora local e a incorporação de espécies introduzidas ao longo do tempo. Essa integração reflete a dinâmica cultural viva das comunidades amazônicas, nas quais plantas exóticas — como o boldo (*Plectranthus barbatus*) e o hortelã grande (*Plectranthus amboinicus*) — tornam-se parte do cotidiano terapêutico. Padrões semelhantes foram encontrados em outras regiões do Pará e do Amazonas (Conceição et al., 2023; Santos, 2023). Já a expressiva presença de espécies nativas reforça a importância da biodiversidade amazônica como fonte essencial de saúde e de preservação de saberes tradicionais.

Quanto ao hábito das espécies, 51 % são herbáceas, 43 % arbustivas e apenas 6 % arbóreas. O predomínio das ervas está relacionado à facilidade de cultivo, crescimento rápido e menor exigência de espaço, características ideais para os quintais familiares. Esse padrão também foi observado em outras comunidades amazônicas, onde as ervas dominam os espaços domésticos de uso medicinal (Santos, 2023; Silva; Leone; Cella, 2022). A menor frequência de árvores pode estar ligada à necessidade de áreas maiores e ao tempo prolongado de crescimento, o que dificulta seu manejo nos quintais.

A análise dos usos terapêuticos revelou que as plantas são mais indicadas para tratar problemas respiratórios, seguidos de casos de “derrame” (AVC) e dores de cabeça (Quadro 2). A alta incidência de enfermidades respiratórias está diretamente relacionada ao clima úmido da região, que favorece gripes, resfriados, bronquites e sinusites. Essa relação entre ambiente e uso medicinal reforça o papel adaptativo dos saberes tradicionais frente às condições ecológicas locais. No que diz respeito às partes utilizadas, as folhas são amplamente predominantes, citadas na maioria das espécies. Essa preferência está ligada à facilidade de coleta, disponibilidade durante todo o ano e alta concentração de compostos ativos. Também permitem diversas formas de uso, frescas ou secas, em preparos internos e externos. Outras partes, como raízes, caules, flores, sementes e látex, aparecem em menor proporção, o que reforça a centralidade das folhas no saber popular.

Os modos de preparo também revelam práticas culturais consolidadas: o chá é a forma mais comum, utilizado para tratar diferentes sintomas, devido à sua praticidade e eficácia na extração de princípios ativos. Em seguida, destacam-se o macerado em álcool e os banhos, indicados para dores no corpo, gripes e apoio em casos de AVC. Formas menos frequentes,

como uso amassado, batido e emplasto, demonstram a diversidade e riqueza do conhecimento local.

Por fim, a transmissão dos saberes ocorre principalmente entre mulheres mais idosas da comunidade, guardiãs do conhecimento tradicional e responsáveis por repassá-lo oralmente às novas gerações. Essa dinâmica confirma o papel feminino central na preservação da medicina popular (Santos, 2023). Os quintais medicinais funcionam como verdadeiros bancos de recursos vegetais, fortalecendo a autonomia da comunidade frente à distância dos centros urbanos e à limitação dos serviços de saúde. Essa prática ancestral evidencia como o conhecimento tradicional e a biodiversidade amazônica se entrelaçam para garantir saúde, resistência cultural e identidade comunitária.

#### QUADRO 1. PLANTAS MEDICINAIS EM CARATATEUA, 2025

NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA/ GÊNERO	NOME VERNACULAR	PARTE UTILIZADA	FORMA DE PREPARO	DOENÇA (designação vernacular)
<i>Cannabis sativa</i> L.	<i>Cannabaceae/ Cannabis</i>	Birra/ Maconha	Folha	Chá/ Macerado no álcool	Derrame
<i>Ruta graveolens</i> L.	<i>Rutaceae Juss. / Ruta</i>	Arruda/ Arruda do sertão	Folha	Chá/ Macerado no álcool/ Banho	Dor na cabeça/ Derrame
<i>Apium graveolens</i> L.	<i>Apiaceae/ Apium</i>	Aipo	Folha	Chá/ Macerado no álcool/ Banho	Derrame
<i>Origanum majorana</i> L.	<i>Lamiaceae/ Origanum</i>	Manjerona	Folha	Chá/ Macerado no álcool/ Banho	Dor na cabeça/ Derrame
<i>Alcea rósea</i>	<i>Malvaceae/ Alcea</i>	Malva-rosa	Folha	Banho	Dor na cabeça/ Derrame
<i>Aeollanthus suaveolens</i>	<i>Asteraceae/ Aeollanthus</i>	Catinga de mulata	Folha	Chá/ Macerado no álcool/ Banho	Febre/ Gripe/ Derrame/ Bronquite
<i>Mentha piperita</i> L.	<i>Lamiaceae/ Mentha</i>	Hortelãzinho/ Hortelã menino	Folha	Chá	Cólica/ dor na Barriga
<i>Petiveria alliacea</i> L.	<i>Phytolacaceae/ Petiveria</i>	Mucuracaá/ tipicaí	Folha/ Raiz	Banho	Dor na cabeça/ Dor no corpo
<i>Justicia pectoralis</i> Jaq.	<i>Acanthaceae/ Justicia</i>	Trevo-cumaru	Folha	Banho/ Amassado	Gripe/ Dor no ouvido
<i>Eupatorium triplinerve</i> Vahl	<i>Asteraceae/ Eupatorium</i>	Japana-roxa	Folha	Banho	Derrame
<i>Piper umbellatum</i> L.	<i>Piperaceae/ Piper</i>	Arraia/ Pariparoba	Folha	Banho	Enzypra (Infecção bacteriana)

<i>Gossypium arboreum</i> L.	<i>Malvaceae / Gossypium</i>	Algodão roxo	Folha	Amassado	Gripe
<i>Tagetes erecta</i>	<i>Asteraceae/ tagetes</i>	Cravo-de-defunto	Folha/ Flor	Macerado no álcool/ Banho	Sinusite/ Constipação na cabeça
<i>Dysphania ambrosioides</i>	<i>Amaranthaceae/ Dysphania</i>	Mastruz	Folha	Chá/ Amassado/ Macerado no álcool	Tosse/ Limpar Pulmão
<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart.	<i>Celastraceae/Maytenus</i>	Espinheira Santa	Folha	Chá	Gastrite
<i>Plectranthus amboinicus</i>	<i>Lamiaceae/ plectranthus</i>	Hortelã grande	Folha	Chá/ Amassado	Gripe/ Dor de cólica/ Cansaço no corpo
<i>Vitex agnus-castus</i> L.	<i>Lamiaceae/ Vitex</i>	Pau da angola/ Alecrim da angola	Folha	Banho	Gripe/ Derrame
<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	<i>Poaceae/ Coix</i>	Cordão de Santa Luzia	Semente	Chá	Coração
<i>Pereskia aculeata</i>	<i>Cactaceae/ Pereskia</i>	Ora-pro-nóbis	Folha	Chá	Coração/ Câncer/ Colesterol
<i>Mentha arvensis</i> L. var. <i>Piperascens</i> Holmes.	<i>Lamiaceae/ Mentha</i>	Vick	Folha	Amassado	Gripe/ Dor na cabeça
<i>Plectranthus barbatus</i> Andrew.	<i>Lamiaceae/ Plectranthus</i>	Boldo	Folha	Chá	Dor na Barriga/ Gastrite/ Fígado
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	<i>Asteraceae/ Tanacetum</i>	Pluma	Folha	Macerado no álcool/ Banho	Derrame
<i>Vernonia condensata</i>	<i>Lamiaceae/ Vernonia</i>	Boldo grande/ Alumã	Folha	Chá	Dor na Barriga/ Fígado
<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	<i>Crassulaceae/ Bryophyllum</i>	São Raimundo	Folha	Chá/ Amassado	Câncer/ Gripe
<i>Jatropha</i> sp. L.	<i>Euphorbiaceae/ Jatropha</i>	Pião Pajé	Folha	Macerado no álcool/ Banho	Dor na Cabeça
<i>Ocimum basilicum</i> L.	<i>Lamiaceae/ Ocimum</i>	Manjeriçom	Folha	Banho/ Amassado	Gripe/ Cansaço no Corpo

<i>Kalanchoe daigremontiana</i>	<i>Crassulaceae/ Kalanchoe</i>	Aranto	Folha	Batido	Câncer
<i>Lavandula angustifolia</i>	<i>Lamiaceae/ Lavandula</i>	Alfazema	Folha	Chá/ Banho	Dor no Corpo
<i>Lippia alba</i>	<i>Verbenaceae/ lippia</i>	Carmelitana	Folha	Chá	Prisão de ventre
<i>Aloe arborescense</i>	<i>Asphodelaceae/ Aloe</i>	Babosa	Folha	Amassado/ Batido pro lambedor	Câncer/ Intestino/ Gripe
<i>Zingiber officinale</i>	<i>Zingiberaceae/ Zingiber</i>	Gengibre	Raiz	Chá/ Ralado/ Macerado no álcool	Gripe/ Reumatismo/ Catarro no peito
<i>Cyperus articulatus L.</i>	<i>Cyperaceae/ Cyperus</i>	Pipirioca/ pripioca	Raiz	Chá/ Banho	Dor no corpo/ Disenteria intestinal
<i>Leonotis nepetifolia</i>	<i>Lamiaceae/ Leonotis</i>	Cordão de frade	Folha	Chá	Dor nos Ossos
<i>Synadenium grantii.</i>	<i>Euphorbiaceae/ Synadenium</i>	Janaúba	Látex (Leite)	Látex (Aplicar diretamente no ferimento)	Cicatrizante
<i>Ayapana triplinervis (M. Vahl) R.M.King &amp; H.Rob.</i>	<i>Asteraceae/ Ayapana</i>	Japana verde	Folha	Macerado no álcool	Esipra (Infecção bacteriana)
<i>Jasminum sp.</i>	<i>Oleaceae/ Jasminum</i>	Jasmim	Látex (Leite)	Emplasto	Cicatrizante
<i>Ocimum gratissimum</i>	<i>Lamiaceae/ Ocimum</i>	Favacão/ Alfavaca	Folha	Amassado/ Banho	Gripe/ Dor de cabeça
<i>Pedilanthus tithymaloides</i>	<i>Euphorbiaceae/ Pedilanthus</i>	Coromina	Folha	Chá	Coração
<i>Piper callosum Ruiz &amp; Pav.</i>	<i>Piperaceae/ Piper</i>	Elixir Paregórico	Folha	Chá	Dor na Barriga
<i>Pogostemon heyneanus Benth.)</i>	<i>Lamiaceae/ Pgostemon</i>	Oriza	Folha	Banho/ Chá	Gripe/ Dor de cabeça/ Derrame
<i>Arrebidaea chica Verlot.</i>	<i>Bignoniaceae/ Arrebidaea</i>	Pariri	Folha	Chá	Anemia

<i>Turnera subulata</i> L.	<i>Turneraceae/ Turnera</i>	Chanana	Folha	Chá	Infecção Urinária/ Pedra no Rim/ Gordura no Fígado
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	<i>Euphorbiaceae/ Jatropha</i>	Pião roxo	Látex (Leite)	Emplasto/ Látex	Anti-inflamatório/ Cicatrizante
<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	<i>Malvaceae/ Hibiscus</i>	Vinagreira roxa	Folha	Amassado	Dor de cabeça/ Frieira
<i>Stachytarpheta cayennensis</i>	<i>Verbenaceae/ Stachytarpheta</i>	Gervão	Folha	Chá	Dor na Barriga/ Tosse
<i>Cichorium intybus</i>	<i>Asteraceae/ Cichorium</i>	Chicória	Raiz	Chá	Dor de parto
<i>Scoparia dulcis</i> L.	<i>Plantaginaceae/ Scoparia</i>	Vassourinha	Raiz/ Folha	Chá	Infecção Urinária
<i>Costus spiralis</i>	<i>Costaceae/ Costus</i>	Canarana	Caule	Chá	Infecção Urinária
<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	<i>Amaranthaceae/ Alternanthera</i>	Cibalena	Folha	Chá	Dor no Corpo
<i>Morus nigra</i>	<i>Moraceae/ Morus</i>	Amoreira	Folha	Chá	Diabete
<i>Pereskia bleo</i>	<i>Cactaceae/ Pereskia</i>	Ora-pro-nóbis	Folha/ Látex (Leite)	Chá	Câncer/ Diabete

QUADRO 2 – ESPÉCIES POR FINALIDADE TERAPÊUTICA

<b>Finalidade terapêutica</b>	<b>Nº de espécies citadas</b>	<b>Espécies citadas</b>
Acidente Vascular Cerebral (AVC)	10	Birra/Maconha, Arruda, Aipo, Manjerona, Malva-rosa, Catinga de mulata, Japana-roxa, Pau da angola, Pluma, Oriza
Dor de cabeça	8	Arruda, Manjerona, Malva-rosa, Mucuracaá, Catinga de mulata, Pião Pajé, Vick, Favacão
Gripe / Tosse / Constipação	14	Catinga de mulata, Trevo-cumaru, Hortelã grande, Pau da angola, Algodão roxo, Cravo-de-defunto, Mastruz, São Raimundo, Manjerição, Babosa, Gengibre, Favacão, Oriza
Infecções (bacteriana / urinária / sinusite / rim / etc.)	6	Arraia (Pariparoba), Japana verde, Cravo-de-defunto, Chanana, Vassourinha, Canarana
Cólica / Dor de barriga / Intestino	7	Hortelãzinho, Hortelã grande, Boldo, Boldo grande (Alumã), Carmelitana, Elixir Paregórico, Gervão
Coração / Pressão / Colesterol	3	Cordão de Santa Luzia, Ora-pro-nóbis, Coromina,
Câncer	4	Ora-pro-nóbis, São Raimundo, Aranto, babosa
Ferimentos / Cicatrizante / Anti-inflamatório	4	Janaúba, Jasmim, Pião roxo, Japana verde
Gastrite / Fígado / Estômago	3	Espinheira santa, Boldo, Boldo grande (alumã)
Reumatismo / Dor no corpo / Ossos / Cansaço	5	Mucuracaá, Gengibre, Cordão de frade, Hortelã grande, Manjerição
Anemia	1	Pariri
Diabetes	2	Amoreira, Ora- pro-nóbis
Prisão de ventre	1	Carmelitana
Dor de parto	1	Chicória
Outros (Febre, frieira, cansaço, catarro, gordura no fígado etc.)	4	Catinga de mulata (febre), Vinagreira roxa (frieira), Gengibre (catarro), Chanana (gordura no fígado)

A representatividade das famílias botânicas encontradas indica uma forte adaptação ecológica das espécies aos ambientes domésticos amazônicos, evidenciando tanto a frequência de uso quanto o fácil acesso às plantas cultivadas nos quintais. A ampla presença dessas famílias demonstra que a escolha das espécies está relacionada à eficiência terapêutica comprovada pela experiência empírica e à sua disponibilidade em diferentes períodos do ano, fatores essenciais à manutenção das práticas de autocuidado

nas comunidades rurais. Esse padrão de uso também se relaciona à aromaticidade e à presença de metabólitos bioativos, como óleos essenciais, flavonoides e terpenos, substâncias que conferem propriedades anti-inflamatórias, antimicrobianas e expectorantes às espécies mais utilizadas (Pedrollo et al., 2016). Tal evidência reforça a correspondência entre o conhecimento popular e os fundamentos da farmacognosia, validando a sabedoria empírica acumulada ao longo das gerações.

O equilíbrio entre espécies nativas (47%) e exóticas (53%) reflete a transculturalidade amazônica, marcada pelas trocas históricas entre populações indígenas, afrodescendentes e coloniais. Esse diálogo intercultural demonstra que o uso de plantas exóticas não elimina o valor do conhecimento local, mas amplia o repertório terapêutico, configurando-se como expressão da resiliência cultural — processo no qual novas espécies são incorporadas aos sistemas tradicionais sem substituir os saberes ancestrais (Bussmann et al., 2022). O saber tradicional, nesse contexto, atua de forma adaptativa ao ecossistema amazônico, respondendo às condições climáticas, sanitárias e ambientais locais. As práticas fitoterápicas emergem como estratégias de enfrentamento frente às limitações de acesso aos serviços de saúde, reafirmando a importância da biodiversidade como fonte de cura e autonomia comunitária (Caballero-Serrano et al., 2019).

As mulheres amazonidas desempenham papel central na manutenção e transmissão desses saberes. Elas são mediadoras entre natureza e cuidado, responsáveis por ensinar às novas gerações as práticas de uso, preparo e cultivo das espécies medicinais (Santos, 2022). O modelo de transmissão oral adotado em Caratateua garante a continuidade cultural, mas também revela a necessidade de políticas públicas voltadas à preservação e registro desses conhecimentos, de modo que não se percam diante das transformações socioculturais. Por fim, destaca-se a importância de estudos fitoquímicos complementares sobre as espécies mais utilizadas, a fim de garantir a segurança e eficácia de seus usos terapêuticos. A valorização dos saberes tradicionais como ciência viva é essencial para consolidar práticas sustentáveis de saúde e conservação, integrando o conhecimento popular amazônico às políticas de saúde integrativa e preservação da biodiversidade regional.

## 5 CONCLUSÃO

Os quintais medicinais da comunidade de Caratateua representam um importante patrimônio biocultural, onde a diversidade vegetal e os saberes tradicionais se entrelaçam de forma viva e dinâmica. As espécies cultivadas refletem não apenas a riqueza da flora amazônica, mas também a capacidade de adaptação e a criatividade cultural da população local, que integra plantas nativas e exóticas em suas práticas cotidianas de cuidado com a saúde.

O predomínio das ervas e das folhas como principais recursos terapêuticos revela uma relação prática e acessível com a natureza, marcada por conhecimentos transmitidos oralmente ao longo de gerações. As formas de preparo, especialmente os chás e banhos, expressam não só a funcionalidade desses saberes, mas também sua dimensão simbólica e cultural, profundamente enraizada no modo de vida comunitário.

Além do valor terapêutico, esses quintais fortalecem a autonomia das famílias frente às limitações dos serviços de saúde e reafirmam a identidade cultural amazônica.

O papel das mulheres como guardiãs desse conhecimento ancestral é central para a preservação e continuidade dessas práticas. Assim, mais do que simples espaços produtivos, os quintais medicinais configuram-se como territórios de resistência, memória e cuidado coletivo, essenciais para pensar estratégias de saúde integrativa e conservação da biodiversidade na Amazônia.

## 6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. et al. **Inter-relações no cuidado com as plantas medicinais “vem de berço”**. Enfermería (Montevideo) [online], v. 9, n. 2, pp. 229-242, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S239366062020000200229&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S239366062020000200229&lng=es&nrm=iso) . Acesso em: 20 fev.2025.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). RDC nº 26, de 13 de maio de 2014: **Dispõe sobre o registro de medicamentos fitoterápicos e o registro e a notificação de produtos tradicionais fitoterápicos**. Brasília: ANVISA, 2014. Disponível

em:[https://anvisa.gov.br/legis/datalegis.net/action/ActionDatalegis.php?acao=abrirTextoAto&codTipo=&cod\\_menu=1696&cod\\_modulo=134&desItem=&desItemFim=&numeroAto=00000026&orgao=RDC%2FDC%2FANVISA%2FMS&pesquisa=true&seqAto=000&tipo=RDC&valorAno=2014](https://anvisa.gov.br/legis/datalegis.net/action/ActionDatalegis.php?acao=abrirTextoAto&codTipo=&cod_menu=1696&cod_modulo=134&desItem=&desItemFim=&numeroAto=00000026&orgao=RDC%2FDC%2FANVISA%2FMS&pesquisa=true&seqAto=000&tipo=RDC&valorAno=2014). Acesso em: 20 fev.2025.

BADKE, M. R. *et al.* **Saberes e práticas populares de cuidado em saúde como o uso de plantas medicinais**. Texto & Contexto – Enfermagem, v. 21, n. 2, p. 367-370, 2012.

BATISTA, L. M.; VALENÇA, A. M. A. **Fitoterapia no Âmbito da Atenção Básica no SUS: Realidades e Perspectivas**. Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada, v. 12, p. 293-296, 2012.

BUSSMANN, R. W. et al. Ethnobotany in the Andes and the Amazon in a world of change. *Canadian Journal of Botany*, v. 100, n. 3, p. 1-17, 2022. <https://doi.org/10.1139/cjb-2021-0062>.

CABALLERO-SERRANO, V. et al. Traditional ecological knowledge and medicinal plant diversity in Ecuadorian Amazon home gardens. *Global Ecology and Conservation*, v. 17, e00524, 2019. <https://doi.org/10.1016/j.gecco.2019.e00524>.

CALIXTO, J. B. **Biodiversidade como fonte de medicamentos**. Ciência e Cultura, v. 55, p. 37-39, 2003.

CORREA, Gilvan Veloso; MORAES, João Souza; CORREA, Gildan Veloso; BLANDTT, Lucinaldo da Silva; RAMOS, João Batista Santiago; RODRIGUES, Elias Mauricio S.; SILVA, Iracely Rodrigues da. **Uso etnofarmacológico do boldo (*Plectranthus neochilus*) no manejo de doenças gastrointestinais em Bacurit-eua, (Pará)**. Revista ReGeo, v. 16, n. 4, 2025. DOI: 10.56238/revgeov16n4-055. Disponível em: <https://revistageo.com.br/revista/article/view/698>. Acesso em: 10 out. 2025.

CORREA, Gilvan Veloso; SILVA, Gabrielle Nazaré F.; CORREA, Renan José C.; CORREA, Gildan Veloso; BLANDTT, Lucinaldo da Silva; RAMOS, João Batista Santiago; UARROTA, Virgílio Gavicho; SILVA, Iracely Rodrigues. **Potencial terapêutico de *Ocimum selloi* Benth. em problemas gastrointestinais em Bacuriteuá, Amazônia (PA)**. Revista Aracê, v. 7, n. 9, p. 1-14, 2025. DOI: 10.56238/arev7n9-156.

DO CONHECIMENTO POPULAR AO CIENTÍFICO: A utilização de plantas medicinais como forma de valorizar a cultura dos povos tradicionais no ensino da química. I Conenorte, março/2024. Disponível em: [https://www.conenortprp2024.com.br/evento/submissoes/trabalhos/TRABALHO\\_\\_EV204\\_MD4\\_ID3115\\_TB376\\_20032024135816.pdf?form=MG0AV3](https://www.conenortprp2024.com.br/evento/submissoes/trabalhos/TRABALHO__EV204_MD4_ID3115_TB376_20032024135816.pdf?form=MG0AV3). Acesso em: 05 fev. 2025.

FERREIRA, A. L. de S.; PASA, M. C.; NUNEZ, C. V. **A etnobotânica e o uso de plantas medicinais na Comunidade Barreirinho, Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, Brasil.** *Interações (Campo Grande)*, v. 21, n. 4, 2020.

GUDYNAS, Eduardo. *Buen Vivir: today's tomorrow. Development*, v. 54, n. 4, p. 441–447, 2011.

IBIAPINA, W. V. *et al.* **Inserção da fitoterapia na atenção primária aos usuários do SUS.** *Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança*, v. 12, p. 60-70, 2014.

MORAES, J. S. *et al.* **O uso da planta *Cissus verticillata* (Insulina) no tratamento do diabetes mellitus em uma comunidade costeira do Pará, Amazônia, Brasil.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. 1–23, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4273.

PEDROLLO, C. T. *et al.* **Medicinal plants at Rio Jauaperi, Brazilian Amazon: Ethnobotanical survey and environmental conservation implications.** *Journal of Ethnopharmacology*, v. 186, p. 111-124, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2016.03.055>

PINTO, E. P. P.; AMOROSO, M. C. M.; FURLAN, A. **Conhecimento popular sobre plantas medicinais em comunidades rurais de Mata Atlântica - Itacaré, BA, Brasil.** *Acta Botânica Brasileira*, v. 20, n. 4, p. 751-762, 2006.

RODRIGUES, A. G.; AMARAL, A. C. F. **Práticas integrativas e complementares – Plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica.** Série A. Normas e Manuais Técnicos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/praticas\\_integrativas\\_complementares\\_plantas\\_medicinais\\_cab31.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/praticas_integrativas_complementares_plantas_medicinais_cab31.pdf). Acesso em: 20 out. 2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologies of the South: justice against epistemicide.* Boulder: Paradigm Publishers, 2010.

SANTOS, D. L. *et al.* **Fitoterapia tradicional em uma comunidade do nordeste do Pará: o uso de *Eleutherine plicata* Herb. no tratamento da amebíase.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 7, p. 1–24, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4539.

SILVA, G. N. F. *et al.* **O uso da planta “Canarana” (*Costus arabicus* L.) no tratamento de cálculo renal em uma comunidade tradicional do nordeste paraense-Amazônia-Brasil.** *Research, Society and Development*, v. 9, n. 8, p. 1–23, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i8.5637.

SILVA, G. N. F. *et al.* **Usage of *Luehea divaricata* Mart. by an Amazonic traditional community and its antidiabetic potential.** *Revista Aracê*, v. 6, n. 4, p. 19276–19293, 2024. DOI: 10.56238/arev6n4-486.

SILVA, Wagner de Jesus; SILVA-CASTRO, Milena Maria da. **Conhecimento Quilombola e Plantas Mediciniais:** Recursos didáticos para o ensino de ciências. *Revista odeere*, v. 4, n.8, Jul – dez 2019.

SHARIF, A. *et al.* **Usos etnomedicinais de plantas para várias doenças nas áreas remotas da Floresta Changa Manga, Paquistão.** *Revista Brasileira de Biologia*[online], v. 84, 2024.

SANTOS, M. **Saberes bioculturais e desenvolvimento sustentável na Amazônia.** *Revista Brasileira de Sustentabilidade*, v. 20, n. 3, p. 10-25, 2022.

SOUZA, B., S. *et al.* **Fungos Endofíticos associados à planta medicinal corama (*Kalanchoe pinnata* [LAM.] PERS.).** *DESAFIOS: Revista Interdisciplinar Da Universidade Federal Do Tocantins*, v. 5, n. 3, p. 30-45, 2018.

SORIA, R. N. **Plantas usadas em infecções digestivas no Paraguai.** *Revista da Sociedade Científica do Paraguai* [online]. p. 163-176, 2021. Disponível em: [http://scielo.iics.una.py/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2617-47312021000200163&lng=en&nrm=iso](http://scielo.iics.una.py/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2617-47312021000200163&lng=en&nrm=iso) . Acesso em: 08 mar. 2025

TOLEDO, Víctor Manuel; BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A Memória Biocultural:** a importância ecológica das sabedorias tradicionais. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

COSTA, Cleonilson Rosário da; OLIVEIRA, Marcelo do Vale; VIEIRA, Norma Cristina. **O futuro da Amazônia são as comunidades e os saberes tradicionais: a catação de caranguejo em caratateua, Bragança, Amazônia oriental.** *OP SIS*, Goiânia, v. 22, n. 2, 2024. DOI: 10.61470/o. v22i2.74790. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/Opsis/article/view/74790> . Acesso em: 29 ago. 2025.

CONCEIÇÃO, C. C. C. da; *et al.* **Desenvolvimento da Agrobiodiversidade: Estudo Etnobotânico de Plantas Mediciniais na Comunidade de Boa Esperança, no Município de São João de Pirabas, Pará.** *Biodiversidade Brasileira*, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2023. DOI: 10.37002/biobrasil. v13i2.2267. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/371627392\\_Desenvolvimento\\_da\\_Agrobiodiversidade\\_Estudo\\_Etnobotanico\\_de\\_Plantas\\_Mediciniais\\_na\\_Comunidade\\_de\\_Boa\\_Esperanca\\_no\\_Municipio\\_de\\_Sao\\_Joao\\_de\\_Pirabas\\_Para](https://www.researchgate.net/publication/371627392_Desenvolvimento_da_Agrobiodiversidade_Estudo_Etnobotanico_de_Plantas_Mediciniais_na_Comunidade_de_Boa_Esperanca_no_Municipio_de_Sao_Joao_de_Pirabas_Para) . Acesso em: 18 set. 2025.

SANTOS, Igor Tourinho dos. **Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas por estudantes indígenas da Comunidade Umariacú II, Tabatinga, Amazonas.** 2023. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências: Biologia e Química) — Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2023. Disponível em: <https://rii.ufam.edu.br/handle/prefix/7820> . Acesso em: 18 set. 2025.

SILVA, Zilmara Guedes da; LEONE, Fernanda Regis; CELLA, Wilsandrei. **Conhecimento etnobotânico sobre plantas medicinais, utilizadas por moradores de uma cidade ribeirinha no interior do Estado do Amazonas, Brasil.** Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, v. 26, n. 1, 2022. DOI: 10.25110/arqsaude.v26i1.2022.8378. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/8378> . Acesso em: 18 set. 2025.